

Psicologia Aplicada ao Trabalho e Formação do Indivíduo na Sociedade Administrada: contribuições das obras de F. W. Taylor, Henri Fayol e Lèon Walter para o controle e dominação dos indivíduos

Psychology applied to labor and subject-formation in an administered society: contribution of the works of F. W. Taylor, Henri Fayol and Lèon Walter for the control and domination of individuals

Denise Alves Guimarães

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal de São João Del Rei – Campus Centro – Oeste.
guiclara@bol.com.br

Este texto apresenta resultados e discussões da pesquisa desenvolvida sobre a relação entre Psicologia aplicada ao trabalho e ideologia da racionalidade tecnológica, considerando a atitude de psicólogos da área de Psicologia organizacional e do trabalho a respeito de sua atuação nas organizações, especificamente no que se refere à formação para o trabalho.

Os questionamentos que nortearam o percurso da pesquisa buscaram compreender os elementos que estruturam a atuação de psicólogos nas organizações e podem ser formulados da seguinte maneira: os profissionais de Psicologia também se encontram aprisionados na impotência do pensamento e da ação em relação a outras formas de existência humana que possam ir além do trabalho alienado; da apologia ao trabalho; da formação do homem reduzida à formação para o trabalho e da justificativa do controle e da dominação do homem aos objetivos do sistema produtivo? Buscando responder a tais questionamentos, foi realizada pesquisa de campo com 106 psicólogos que atuam nos municípios de Belo Horizonte, Contagem e Betim, utilizando-se um Questionário de Dados

Pessoais e Profissionais e uma Escala de Atitudes especialmente construída para esta pesquisa e composta por quatro subescalas, a saber: subescala Racionalidade Tecnológica (RT), subescala Atuação de Psicólogos (AP), subescala Controle de Trabalhadores (CT) e subescala Concepção de Trabalho e de Trabalhador (T). As respostas dos sujeitos tanto apontam para o aprisionamento dos mesmos em relação à impotência do pensamento e ação para além da realidade tal qual está organizada atualmente, quanto para as possibilidades de resistir aos elementos que promovem a fixidez do atual conjunto de relações sociais que organiza a realidade guiada pela ideologia da racionalidade tecnológica.

A pesquisa foi desenvolvida com base no referencial disposto pela teoria crítica da sociedade, especialmente as discussões desenvolvidas por Theodor W. Adorno, Marx Horkheimer e Herbert Marcuse; na literatura específica da área de Psicologia aplicada ao trabalho e nas experiências profissionais da autora. Procurou-se verificar, de modo geral, a existência de possíveis relações entre as tendências de atuação dos psicólogos que atuam nas organizações e a ideologia da racionalidade tecnológica. De forma específica, procurou-se investigar: a) elementos que caracterizam a atuação dos psicólogos na área de Psicologia organizacional e do trabalho; b) o grau de concordância dos psicólogos às exigências do sistema produtivo em relação ao controle dos trabalhadores especialmente nas atividades de recrutamento e seleção, de qualificação profissional, de acompanhamento de pessoal e de avaliação de desempenho; c) a posição dos psicólogos frente ao trabalho na sociedade administrada.

Das análises estatísticas dos dados da pesquisa empírica realizada mediante o diálogo com a base teórica, as pesquisas da área, os dados históricos e a discussão com a obra de autores que influenciaram a Psicologia aplicada ao trabalho no Brasil, foi possível confirmar a hipótese central da pesquisa de que as tendências de atuação de psicólogos nas organizações estão associadas à ideologia da racionalidade tecnológica. Considerando a Psicologia aplicada ao trabalho como parte do conjunto de elementos que compõem a atual forma de organização da sociedade, sua relação com a ideologia da racionalidade tecnológica está expressa pela adesão dos psicólogos aos valores e padrões que esta impõe; pelas discordâncias dos psicólogos em relação aos mesmos, demonstrando que permanecem as possibilidades de resistência, reflexão e crítica entre esses profissionais e também nas atuais dificuldades em analisar criticamente e avaliar o conjunto de relações sociais, percebendo as contradições

que a constitui, o que pode ser verificado no equilíbrio entre concordâncias e discordâncias em relação às exigências do sistema produtivo no que se refere ao controle dos trabalhadores, expressos nos resultados da subescala Controle de Trabalhadores.

Sustenta-se que a atuação do psicólogo nas organizações tanto pode se apresentar como conjunto de conhecimentos científicos e práticas que podem beneficiar o desenvolvimento humano, quanto pode se apresentar como conjunto de conhecimentos científicos e práticas que se voltam para o incremento da produtividade, posições que foram confirmadas na pesquisa empírica. Como tecnologia que se volta ao aumento de produtividade a Psicologia aplicada ao trabalho estabelece compromissos com o sistema produtivo em relação ao controle e dominação dos trabalhadores. Tal controle e dominação se expressam por meio de ações que busquem a adaptação e subordinação do pensamento, da consciência, da linguagem, dos comportamentos e dos relacionamentos entre indivíduos e grupos no cotidiano de trabalho e aos padrões definidos pelo sistema produtivo.

Na pesquisa realizada, as atividades desempenhadas pelos psicólogos nas organizações não são consideradas as referências únicas que definam seu compromisso com a ideologia da racionalidade tecnológica. Antes disso, o que define esse compromisso são as formas a partir das quais as atividades são conduzidas e as bases ideológicas que as estruturam. Nesse sentido, concordando com Martín – Baró (1997), sustenta-se a necessidade de que o psicólogo formule perguntas críticas a respeito da atividade que está desempenhando na sociedade e sobre as consequências históricas concretas que essa atividade está produzindo.

Das discussões desenvolvidas e resultados gerais da pesquisa, este artigo destaca especificamente os posicionamentos assumidos pela ciência, em especial pela Psicologia na relação educação-trabalho. As pesquisas de Motta (2004) e Silva (1992) explicitam o fato de que o processo de industrialização e modernização da sociedade brasileira trazia as exigências de adequação de mão-de-obra, portanto, seu acesso à saúde e também à educação. Nesse processo, destacam-se as contribuições da ciência e dos profissionais de psicologia para o desenvolvimento da perspectiva da instrução racional aos trabalhadores brasileiros. Partindo da perspectiva de extinção do ofício a ciência ajudou a colocar um ponto final na autonomia do trabalhador, apropriando-se dos conhecimentos desenvolvidos pelos mesmos sobre o processo de trabalho,

subordinando-o ao controle da gerência e justificando também a necessidade de dominação do homem sobre outros homens.

A respeito da relação educação-trabalho a pesquisa de campo realizada com psicólogos que atuam nas organizações demonstrou que dentre as principais atividades desempenhadas por psicólogos nas organizações destacam-se, em segundo lugar, aquelas vinculadas à qualificação profissional, representando 71% do total da amostra, tendência observada desde a pesquisa do Conselho Federal de Psicologia realizada em 1988. Destaca-se ainda que dentre os cursos de formação complementar realizados pelos sujeitos e indicados como necessários para atuar na área de psicologia organizacional e do trabalho, aparece em primeiro lugar a opção “Cursos de curta duração: Treinamento e Desenvolvimento”, mencionado por 55 sujeitos ou 52% da amostra.

Considerando a posição das atividades de qualificação profissional no conjunto de atividades desempenhadas pelos psicólogos nas organizações e os resultados da subescala de Atuação Profissional que permitem confirmar a hipótese de que a atuação dos psicólogos é caracterizada prioritariamente pelos compromissos que estabelece com a manutenção e reprodução dos interesses da sociedade administrada, admite-se a associação entre qualificação profissional e os elementos que caracterizam a sociedade guiada pela ideologia da racionalidade tecnológica.

Buscando compreender as bases ideológicas que estruturam a atuação de psicólogos nas organizações e também a relação entre Psicologia e educação adaptativa aos desempenhos úteis, o próximo tópico deste texto destaca alguns aspectos da análise de obras de Taylor, Fayol e Léon Walther à luz da teórica crítica da sociedade. As obras analisadas foram amplamente difundidas no mundo e no Brasil e demonstram o compromisso da ciência com a organização do trabalho e o controle dos trabalhadores.

A formação do indivíduo na sociedade administrada

As obras analisadas exemplificam a convergência entre ciência e interesses econômicos, explicitando as principais ideias que sustentaram o projeto de modernização tecnológica do país a partir da década de 1930. São elas: *Princípios de Administração Científica* do engenheiro estadunidense Frederick W. Taylor, publicado em 1911 e traduzido para o português em 1963; *Administração*

Industrial e Geral do engenheiro francês Henri Fayol, publicado em 1925 e traduzido para o português em 1950 e, por último, o livro *Psicologia do Trabalho Industrial* do psicólogo russo Léon Walther, publicado em 1926, traduzido pela primeira vez para o português por Lourenço Filho em 1929, com a segunda edição aumentada publicada em 1953.

Mediante as obras analisadas enseja-se discutir a atual forma de organização social guiada pela ideologia da racionalidade tecnológica e, conseqüentemente, pelo princípio de que o progresso da indústria e do modo de produção capitalista representa também o progresso da humanidade. Além disso, as análises evidenciam a função ideológica assumida pela ciência na sociedade administrada.

Em seu conjunto, essas obras discutem a formação do indivíduo a partir de uma perspectiva de adaptação às formas de controle impostas pela sociedade atual, bem como a organização da vida dos indivíduos sob o domínio do princípio de desempenho. Os autores argumentam que a formação do indivíduo deve ser guiada pela ideia de que a organização racional do trabalho, ao estabelecer o aumento progressivo da exploração da força de trabalhado, levaria a humanidade ao progresso, o qual, por sua vez, pode ser traduzido como o processo de produção e o acesso da população aos bens de consumo disponíveis.

Para as discussões sobre a formação do indivíduo recorre-se ainda às análises desenvolvidas por Adorno (1971) sobre a *Teoria de la seudocultura*, e a articulação com a *Indústria Cultural* (Horkheimer e Adorno, 1985). Em 1971, Adorno analisa a formação do homem na sociedade contemporânea, considerando duas teses: a tese da necrose da formação cultural e a tese da socialização da pseudocultura ou pseudoformação. A discussão que Horkheimer e Adorno (1985) haviam iniciado sobre a formação do homem no capitalismo tardio como formação para o consumo é retomada no texto da indústria cultural e desenvolvida por Adorno (1971) a partir do conceito de pseudoformação.

Para Adorno (1971) a crise da educação ou crise pedagógica deve ser compreendida em seu aspecto mais amplo como crise da formação cultural. O colapso da formação cultural e, portanto, a complexidade da pseudoformação está em compreender que ela faz parte de um conjunto de fatores sociais que não devem ser vistos isoladamente e dissociados da própria formação cultural, das influências e prejuízos que sofre. Não se pode pensar na formação cultural e, portanto, na formação do indivíduo isolando-a das condições concretas de

existência e, nessa medida, a formação cultural sob a lógica da indústria cultural é a formação que renuncia às formas diferenciadas de socialização para apegar-se à reprodução dos estereótipos apresentados por essa indústria como mercadorias.

A pseudoformação representa a forma atual de socialização por meio da qual a consciência tem renunciado à autodeterminação e, por isso, apresenta-se fixada como falsa consciência, como consciência que nega a particularidade para identificar-se com a totalidade adaptadora. A falsa formação é regressiva porque promove o nivelamento e a padronização do indivíduo para que atenda às exigências do sistema produtivo. Nesse sentido, promove uma consciência externamente determinada, promove a heteronomia.

À medida que a indústria cultural só se interessa pelos homens como consumidores e trabalhadores, ela se incumbem de garantir que os homens permaneçam restritos a estas duas categorias por meio da pseudoformação. Daí, pode-se compreender porque hoje a educação se apresenta com alto grau de superficialidade e utilitarismo, servindo à manutenção da realidade existente, fazendo com que os indivíduos permaneçam como instrumentos da reprodução da cultura das massas em larga escala, ou se apresentem como apêndices do sistema produtivo.

Recorrendo a Freud, Adorno (1971) destaca também que o mal-estar na cultura decorre justamente da pressão que esta exerce sobre os indivíduos por meio da adaptação extremada à realidade a ponto de impedir as possibilidades de que sejam tomadas decisões individuais. O preço pago por essa conformação constante é a agressão. Trata-se, portanto, da negação do antagonismo social inconciliado, a partir da qual seria possível pensar que a realidade poderia ser diferente. Assim, o caráter regressivo da pseudoformação se apresenta sob a forma da negação das contradições e das relações de força que se estabelecem na sociedade.

A pseudoformação apresenta-se como a ideologia da adaptação ao esquema de dominação que justifica as relações de dominação, calcadas na sujeição e mando. A dominação do homem sobre o próprio homem e a dominação do homem sobre seu próprio corpo (limites, ritmo, formas e desejos) é o estereótipo maior que a indústria cultural veicula e em torno do qual ocorre a formação do homem na sociedade atual.

Sob o argumento da autoconservação, a pseudoformação aniquila o particular para perpetuar a mesmice. A integração à sociedade é uma ideologia que aparece tanto nas categorias de consumo quanto na forma de apresentar a

singularidade e liberdade como equivalentes de isolamento, desvinculação ou solidão. No entanto, contrariamente a essa forma regressiva de apresentação do singular como correspondente ao isolado, este deve ser compreendido em sua relação com o todo, com a sociedade e as contradições que ela expressa.

As relações sociais entre os homens, de acordo com a formação em voga, aparecem mediadas pelo caráter fetichista da mercadoria, pela superficialidade, pelo utilitarismo, pela coisificação da consciência e pelo medo de aniquilamento que se associa ao medo de não pertencer ao circuito de consumo. A necessidade de fazer algo que é valorizado pela coletividade é, ao mesmo tempo, hostilidade em relação aos outros homens que não compartilham dos mesmos objetivos e valores.

Do ângulo da formação, as obras de Taylor, Fayol e Walther ilustram a regressão da formação à adaptação. Nelas, os elementos que constituem a pseudoformação como formação para o trabalho são expressos pelos conteúdos a serem ensinados, pelas formas de transmissão desses conteúdos e pelo modelo de indivíduo a que se pretende formar. Além disso, expressam o claro compromisso da ciência em promover a identificação dos interesses da humanidade aos interesses do capital. Em todos os espaços da vida, não somente na oficina, mas também nas famílias, nas igrejas e nas escolas a formação do homem se volta para a dominação, a sujeição e a adaptação ao existente, colocando o indivíduo cada vez mais isolado e impedido de estabelecer relações cooperativas ou solidárias com outros homens, tanto no ambiente de trabalho quanto fora dele.

FREDERICK WINSLOW TAYLOR: A APOLOGIA AO CONTROLE E DOMINAÇÃO DOS OPERÁRIOS

A obra do engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856 – 1915), considerado o “Pai da Organização científica do Trabalho” foi publicada em 1911 e está voltada para a apresentação de suas ideias revolucionárias e experiências bem-sucedidas apoiadas no conhecimento científico para viabilizar o progresso por meio da organização racional do trabalho e do trabalhador. Expressa de forma clara e objetiva, como era de se esperar de um homem comprometido com a ciência e o progresso, seus métodos de desenvolvimento de relações harmônicas entre os patrões e os operários; a valorização do sacrifício pessoal e da dedicação ao trabalho como prova de caráter; a necessidade de

padronização de tempos, movimentos, instrumentos, pensamentos e atitudes e a necessidade de controle dos trabalhadores por meio da disciplina representavam elementos que, certamente, levariam ao progresso das nações.

Taylor representa, ao mesmo tempo, o formulador de uma nova maneira científica de organizar o trabalho e controlar os trabalhadores, portanto, exemplo da aplicação e utilidade da ciência a serviço dos interesses econômicos e também a expressão do pensamento e dos valores de seu tempo; de um mundo guiado pela racionalidade técnica e instrumental.

Sua obra é um interessante exemplo da crença no princípio do sacrifício tomado como uma necessidade social em toda a sua irracionalidade (Horkheimer e Adorno, 1985) e também do caráter regressivo da formação do homem reduzida à formação para o trabalho (Adorno, 1971), uma vez que o trabalho é compreendido como principal elemento formador do caráter dos homens.

Os conceitos e princípios formulados por Taylor foram especialmente analisados por Marcuse (1999a), que toma o gerenciamento científico como expressão da união entre ciência e interesses industriais por meio do estabelecimento de leis naturais que regulavam a disciplina fabril e o comportamento dos indivíduos. Analisa ainda que a justificativa do controle dos trabalhadores é tomada por Taylor como forma de desenvolvimento da individualidade dos mesmos, além da intensificação da produção e da padronização serem considerados como resultados bem sucedidos da aplicação do conhecimento científico. As lições de Taylor sobre sacrifício pessoal, submissão e dedicação ao trabalho representam lições sobre as maneiras como o indivíduo pode mostrar-se útil na vida através do adequado desempenho de funções preestabelecidas, de acordo com os interesses econômicos.

A medida do sucesso individual é definida por Taylor em termos dos sacrifícios pessoais, em nome da manutenção do sistema produtivo, das relações de exploração e do progresso. São muito claramente apresentadas pelo autor duas lições para uma vida profissional bem sucedida e um caráter sem desvios: a submissão aos interesses do capital e a importância dos resultados do trabalho acima de todas as coisas.

Compartilhando das preocupações de seu tempo, Taylor expressa a ideia de que a eficiência nacional, portanto o progresso, poderia ser alcançado por meio da competência individual para o trabalho industrial e por esse motivo,

desenvolve a argumentação de que seria preciso dedicar-se à formação do homem competente para o trabalho industrial. Para o autor, a formação de homens eficientes representa o bom treinamento de homens comuns, organizados de forma adequada e eficiente para a cooperação.

Afirma ainda que a organização científica do trabalho e a crescente importância dos sistemas de organização inauguram um momento em que começam a ser deixadas as velhas práticas para se por a caminho do futuro. Desta forma, se no passado o homem estava em primeiro lugar, a partir daquele momento o sistema passa a ter primazia sobre o homem, o que afirma a necessidade de homens competentes em seu interior.

Taylor pretendia mostrar que os problemas de ineficiência das nações e as perdas econômicas de países industriais, eram decorrentes da ineficiência dos atos diários. O autor classifica como atos diários ineficientes as ações, pensamentos e linguagem que divergem da padronização e do caráter unidimensional da sociedade guiada pela ideologia da racionalidade tecnológica. Pertenciam ao campo de atos diários ineficientes, dentre tantos elementos que tornariam a vida pluridimensional, a espontaneidade da ação humana; a criatividade; as formas de perceber, analisar, criticar e expressar as contradições presentes na sociedade; a autonomia para definir a ação, o pensamento e a linguagem; os conhecimentos desenvolvidos pelos indivíduos, bem como as formas de resistir à dominação e imposição de tarefas, de ritmos, de movimentos e de tempos externamente determinados; enfim, os outros tantos elementos que comporiam uma vida que vale a pena ser vivida.

Desse modo, a ciência transformada em tecnologia voltada ao aumento da produtividade colabora para que as marcas do particular, do individual se convertam em perdas, desperdícios, atos errôneos, mal dirigidos e desatentos. Em relação a esses aspectos, a Administração Científica consagrada como uma panacéia reforça a ideia de que o treinamento como forma de planificação, generalização e padronização de comportamentos, pensamentos e linguagem tem maior importância que a perícia e de tudo mais que representa a marca do particular.

A experiência dos trabalhadores é o ponto de partida para o desenvolvimento da ciência de Taylor. Ele parte dos conhecimentos e das habilidades desenvolvidas ao longo do tempo pelos trabalhadores na execução das atividades para, então, estudá-las minuciosamente, dividi-las em etapas e estabelecer sobre elas o

máximo de padronização e controle que pudessem levar à intensificação da produção. Ao mesmo tempo em que se apropria da experiência desenvolvida pelos trabalhadores ao longo do tempo, utiliza-se da estratégia de dizer que estes nada sabem. Assim, ao propor que a experiência fosse substituída pela ciência, o que ele nega é a possibilidade de autonomia do indivíduo e também o conjunto de elementos que estão envolvidos nessa experiência transmitida pela tradição oral entre os trabalhadores e que estão diretamente relacionados com os antagonismos entre capital e trabalho. Na transmissão da experiência do trabalho que se desenvolvia fora do gerenciamento científico, tanto estavam contidos os tempos, os movimentos e os ritmos dos indivíduos em oposição aos tempos, os movimentos e os ritmos do sistema produtivo quanto as possibilidades de resistência ao controle no trabalho que conferiam ao trabalhador certa autonomia. Para negar a autonomia dos trabalhadores Taylor reafirma que o conjunto de trabalhadores é incapaz, “por seu isolamento”, de executar seu trabalho em conformidade com as normas ou leis da ciência. Mesmo o operário mais competente é considerado incapaz de compreender a ciência do trabalho sem a orientação de técnicos e gerentes.

Considerando-se, portanto, as possibilidades de autonomia dos trabalhadores e também as possibilidades de resistir ao controle e padronização no trabalho que estavam contidas nas experiências e conhecimentos desenvolvidos e transmitidos por artífices, Taylor se esforça em desqualificá-las e substituí-las pela ciência. A experiência e habilidade individual são consideradas, na obra do autor, como um conjunto de conhecimentos tradicionais que, por preservar o arbítrio do operário na escolha do método para a realização do trabalho, mostrava-se incompatível com a administração e, portanto, com o progresso.

HENRY FAYOL: A APOLOGIA AO SISTEMA DE COMANDO

A obra mais conhecida do Engenheiro francês Jules Henry Fayol (1841 - 1925) foi publicada em 1916 e assim como Taylor, Fayol (1989) desenvolve estudos e argumentos que expressam claramente seus compromissos e os compromissos da ciência com o desenvolvimento do poder econômico. No entanto, enquanto Taylor fez apologia ao controle direto dos trabalhadores e a formação destes para atender às exigências do trabalho industrial, Fayol dedica-se a fazer apologia ao comando e à formação de homens capacitados para comandar outros homens. Para tanto, desenvolve seus estudos, experiências

e argumentações em torno da necessidade de estabelecer os métodos e os instrumentos mais adequados para que os chefes pudessem impor a ordem e a disciplina no trabalho. Nesse sentido, seguindo os princípios da racionalidade tecnológica que caracterizam a sociedade contemporânea e tomando, portanto, como modelo de conhecimento válido aquele desenvolvido pelas ciências naturais, desenvolve uma ciência da previsão, da organização, do comando, da coordenação e da fiscalização ou controle.

Tanto quanto Taylor, Fayol formula uma ciência que pode ser aplicada aos mais diferentes tipos de atividade social. Suas proposições foram consideradas aplicáveis a toda ação coletiva organizada, ou seja, aplicáveis em organizações grandes e pequenas, industriais, comerciais, políticas, religiosas e, inclusive, nas famílias.

Fayol também insiste na ideia de que é possível promover a harmonia de interesses que se opõem na realidade de trabalho e de outros aspectos da vida social, mesmo que para se chegar a tal harmonia seja necessário perpetuar os argumentos que justificam a necessidade de controle e dominação dos diferentes elementos que compõem a vida humana. Esse modo de pensar e de perceber a realidade exemplifica as formas a partir das quais a sociedade administrada promove a unificação de opostos, impulsiona a atrofia dos indivíduos em perceber as contradições presentes na sociedade e impele ao novo conformismo que se apresenta sob a forma de consciência feliz, ou seja, a crença de que a realidade seja racional (Marcuse, 1967).

Em relação à formação do indivíduo, defende a necessidade de que o ensino administrativo ocorra primeiramente nas escolas e depois nas oficinas, uma vez que a escolha adequada de homens incumbidos do comando e do controle deveria guiar-se pelas capacidades administrativas e não pelas capacidades técnicas dos candidatos. Destaca que homens de valor superior seriam aqueles que se destacassem “por suas qualidades de presença, autoridade, ordem, organização e outras, que são os próprios elementos da capacidade *administrativa*” (Fayol, 1989, p. 37, grifos no original). Nesse sentido, para a manutenção do todo administrado, o ensino administrativo é apresentado pelo autor como uma necessidade social e deve ser introduzido desde as escolas primárias até o curso superior.

Também desenvolve argumentações sobre a necessidade de transcender o campo de conhecimentos guiados pela experiência para que os conhecimentos verdadeiramente úteis a todos possam ser desenvolvidos como uma ciência,

particularmente como uma doutrina administrativa. A esse respeito, defende que as capacidades administrativas podem ser aprendidas, desde que seu ensino se apoie em uma doutrina administrativa consagrada ao invés de apoiar-se nas doutrinas pessoais.

A abrangência da aplicação de noções de controle e padronização presentes nas obras de Fayol e de Taylor exemplifica a maneira como a sociedade contemporânea está caracterizada como um todo administrado no qual estão presentes as ideias de totalitarismo de uma sociedade estruturada a partir da padronização de pensamentos, comportamentos, formas de se expressar e de se relacionar e pela fixidez da realidade e das relações entre todos os elementos da realidade (Horkheimer; Adorno, 1985).

Fayol também compartilha da concepção de que a formação do homem é equivalente à formação para o trabalho¹ e que os elementos da formação para o trabalho devem estar presentes nos mais diferentes aspectos da vida. A esse respeito afirma que mais importante que escolher um agente é dedicar-se à sua formação, que “representa geralmente longos e laboriosos esforços de que participam a família, a escola, a oficina e o Estado” (Fayol, 1989, p. 105).

LÉON WALTHER: TAYLOR CORRIGIDO PELA PSICOLOGIA

A obra aqui analisada do psicólogo russo Léon Walther (1889 – 1963) foi publicada em 1926, ano a partir do qual o autor passa a seguir carreira acadêmica, lecionando em diferentes instituições de ensino superior e também atuando como encarregado de cursos especiais na Universidade de Minas Gerais, dentre outras, difundindo a tecnopsicologia.

A tecnopsicologia de Walther (1953), compreendida como a aplicação da Psicologia à técnica do trabalho, pode ser caracterizada como um esforço para apresentar uma Psicologia constituída como conhecimento válido de acordo com os referenciais de cientificidade da época. Guiada pela ideologia da racionalidade tecnológica e por seu princípio de desempenho, a tecnopsicologia dedicou-se a estudar as melhores condições de aproveitamento do homem no trabalho, lançando mão das formas de apropriação e adequação dos fatores psíquicos. Pautada no conceito de aptidão, recorreu à natureza humana para

¹ Para maior detalhamento sobre a função da escola, da oficina (patrão), da função da família e a função do Estado na formação de agentes e chefes, consultar Fayol (1989).

fixar as capacidades e limites do indivíduo em referência aos parâmetros definidos pela utilidade ao sistema produtivo. Contribuiu para o estabelecimento de uma categorização dos indivíduos em capazes ou incapazes; produtivos ou improdutivos; portanto, úteis ou medíocres.

Na busca de leis gerais que regulassem o funcionamento do psiquismo, desenvolveu-se como conjunto de técnicas adaptativas que tanto negava os elementos da realidade que apontavam as contradições da relação entre capital e trabalho quanto negava a existência humana que não estivesse relacionada aos interesses econômicos. Desse modo, dando sua contribuição científica no movimento de insistente desqualificação do homem e da vida, eis um exemplo da Psicologia convertida em tecnologia, em instrumento que se presta à justificação da dominação do homem na atual forma de organização da sociedade.

Destaque-se que a obra de Walther exemplifica de forma contundente a manipulação dos processos psicodinâmicos que passa a figurar como a principal tecnologia (Heloani, 2005), o exagero da visão técnica da realidade que expressa o caráter totalitário assumido pela técnica (Crochík, 1999), a redução do padrão de competência à reprodutibilidade técnica que somada ao ideal natural identificam o particular e o universal e definem a imitação como o caminho a ser seguido (Horkheimer; Adorno, 1985), e, por fim, a regressão do corpo e da mente a instrumentos de trabalho alienado em uma sociedade transformada em sistema de desempenhos úteis (Marcuse, 1999b).

O prefácio da edição francesa foi escrito por Claparède, em 1926, afirmando ser o livro de Walther o primeiro em língua francesa que permitia ter uma visão geral de todo o campo da tecnopsicologia, ou seja, da Psicologia aplicada ao trabalho. Tanto no prefácio de Claparède quanto ao longo da obra, as formas de exploração da força de trabalho mediante o controle, não somente de movimentos, mas também de pensamentos, são reverenciadas pelos enormes benefícios que trazem ao operário. É constante o argumento da bondade e benefício contidos na dominação, na exploração, na supressão do pensamento e na perda de autonomia não somente por parte dos operários, mas também por parte dos responsáveis pelo controle e comando.

O grande mérito de Walther, no entanto, é destacado por Claparède como o fato de ter conseguido a harmonia entre operários e patrões e, assim, ter corrigido o princípio de racionalização do trabalho com a Psicologia aplicada à

técnica do trabalho. Assim, o grande mérito da Psicologia aplicada ao trabalho na obra de Walther desenvolve-se em torno da harmonia que aquela seria capaz de promover entre capital e trabalho. Esse entendimento, à luz da perspectiva aqui adotada, significa que a Psicologia e suas técnicas convertem-se em tecnologia, em instrumento de controle e dominação social que se mostra capaz de corrigir a organização racional do trabalho formulada por Taylor, na medida em que ensina as formas de promover a identificação do explorado aos valores do explorador, fazendo com que os primeiros permaneçam profundamente simpáticos à situação em que se encontram. A Psicologia, desde uma perspectiva adaptativa, dá um passo adiante no controle e dominação do indivíduo no trabalho, lançando mão dos conhecimentos da fisiologia muscular, além dos aspectos psicológicos que podem tornar o trabalho automático. A esse respeito, Walther desenvolve argumentos de que o trabalho automatizado, ou seja, tornado inconsciente, libertaria a mente humana para que ela se ocupasse de coisas mais importantes. O automatismo na execução da tarefa é tomado, portanto, como a máxima adaptação do homem ao trabalho.

O princípio adaptativo é a marca distintiva da obra de Walther e reflete a visão do conhecimento científico da época, compartilhando da noção de que todos os elementos da realidade compunham um todo sistemático em equilíbrio. Também considera que todo organismo vivo pode ser definido como um sistema que busca manter-se em equilíbrio e a vida é o permanente reajustamento deste equilíbrio do sistema orgânico, constantemente rompido. Para ele, “A vida mental, a conduta, têm por função suprir à insuficiência da adaptação natural do organismo” (Walther, 1953, p.105). Ao longo das suas argumentações fica visível que a adaptação não é tratada em termos dos interesses dos indivíduos e não se configura como uma adaptação para a saúde, bem-estar e satisfação. Ao contrário, a adaptação é tratada em termos de conformação dos indivíduos aos interesses econômicos tomados como interesse geral da humanidade. A adaptação é a forma de tornar-se útil na vida; é adaptação à exploração, à submissão, à dominação e à heteronomia.

A adaptação do operário ao trabalho representa a condição primordial da organização racional do trabalho. Para tanto, o autor privilegia a análise da vida mental a partir do ponto de vista funcional, buscando conhecer o papel que funções específicas desempenham na vida do indivíduo e, desta maneira, os fenômenos psíquicos são encarados segundo sua significação para o organismo

ou em relação ao valor de adaptação ao meio físico e ao ambiente social. Segundo o autor, o ponto de vista funcional em Psicologia é de fundamental importância para explicar a conduta humana, o comportamento, uma vez que permite o estabelecimento de suas leis, a saber, das relações constantes entre certas condutas e certas situações.

Argumenta que a formação operária deve ser uma formação funcional a partir da qual se faria exercer a função naquilo que constituiria sua característica vital e dessa forma, fazer com que a função se exercesse nas condições em que ela seria instrumento útil. Nesse raciocínio, a função seria adequadamente exercida quando se caracterizasse como instrumento útil e, assim, a formação do indivíduo deveria guiar-se pela utilidade ao sistema produtivo.

Recomenda que a formação profissional do aprendiz deve ser feita em um ambiente escolar instalado junto às fábricas, uma vez que as oficinas não são um ambiente adequado ao intenso desenvolvimento mental e moral desejado para os jovens. Sobre a escola de formação profissional, afirma que esta “deverá não matar o gosto do aprendiz pelo trabalho” (Walther, 1953, p.115-116). Recomenda também que a linguagem que deve ser usada para favorecer o aprendizado dos operários em relação aos problemas técnicos esteja pautada exclusivamente nos exemplos reais colhidos no próprio ambiente de trabalho; as explicações devem ser sempre objetivas, expressas em frases curtas e precisas e nunca de forma abstrata. Além do recurso a uma linguagem de caráter unidimensional, afirma ainda que “A aprendizagem deve visar a desenvolver as funções intelectuais e morais mais do que abarrotar o espírito de uma massa de noções mortas. A escola deve fazer amar o trabalho” (Walther, 1953, p. 116).

As argumentações do autor exemplificam: a) o aspecto unidimensional de uma vida humana reduzida à incessante luta pela sobrevivência, traduzida no argumento de que o homem só se torna útil pelo trabalho (Marcuse, 1967); b) os elementos de irracionalidade da razão esclarecida, a partir da qual só é possível a autoconservação pelo trabalho, o que leva ao sacrifício do indivíduo e da vida (Horkheimer; Adorno, 1985); c) a separação entre sujeito e objeto, instituída pelo esclarecimento para dar sustentação à abstração convertida em instrumento do esclarecimento. Nesse sentido, a distância que a ideologia da racionalidade tecnológica e a ciência estabelecem entre sujeito e objeto é a distância entre a coisa dominada e aquele que domina. Assim, o trabalho do homem não lhe pertence, tampouco os objetos produzidos e o conhecimento

de como fazê-los. No entanto, pela incapacidade dos operários em perceber a realidade e conhecê-la, cabe à ciência ou às instâncias autorizadas para seu comando e controle apresentá-los à realidade da forma com acreditem ser conveniente mostrar (Horkheimer; Adorno, 1985); d) o conjunto de conhecimentos que nega o caráter histórico-social do psiquismo, uma vez que tomam o trabalho como uma abstração, desconsiderando sua existência concreta (Sass, 2008a) e que se mostra pela argumentação de elevação moral, saúde e bem-estar dos operários que poderão ser alcançadas independentemente das condições concretas de seu trabalho; e) as atuais formas de socialização que definem um modo de funcionamento do indivíduo e da sociedade e nas quais é possível perceber que o amor converte-se em ideologia de dissimulação do ódio. Assim, deve-se ensinar o indivíduo a amar o trabalho e nesse princípio de aprendizagem vê-se que nem o amor resistiu à ciência e à indústria que dele se apropriaram, transformando-o em instrumento de realização da razão esclarecida (Horkheimer; Adorno, 1985); f) o argumento insistente do benefício que a Psicologia pode trazer ao promover a liberação do pensamento do operário em relação à atividade que executa e que representa, na verdade, as estratégias de conformação que apresentam a liberação do pensamento como a sua negação (Horkheimer; Adorno, 1985); g) finalmente, exemplificam as duras críticas feitas por Marcuse (1999a) em relação às formas empreendidas pela Psicologia Industrial para a manutenção do sistema de vida criado pela indústria moderna, dentre elas, a perpetuação de uma vida baseada nos princípios da mais alta eficácia, conveniência e eficiência e controle hierárquico sobre os homens; a internalização da autodisciplina, do autocontrole e do ajustamento do comportamento humano para manter o sistema econômico e que se converte em forma de manutenção da própria vida; a modelagem do comportamento humano para o desempenho de uma determinada tarefa, o que significa dizer que o treinamento para o trabalho desenvolve habilidades que transformam a personalidade em um meio para atingir fins que perpetuam a existência do homem como instrumento e que levam a um consequente aprisionamento da personalidade na função.

Em relação à promoção do princípio do automatismo, cabe destacar que este representa uma das grandes propostas e contribuições da Psicologia ao trabalho industrial. O automatismo como supressão do pensamento e da vontade do indivíduo na execução de movimentos e tarefas é a expressão da heteronomia.

Sob a alegação de libertar o pensamento do trabalhador, a Psicologia toma para si a tarefa de pensar pelo homem que trabalha, a promover a padronização dos movimentos a serem realizados, o modo como se realizam e quando se realizam, além de definir sua realização mediante o critério de utilidade ao sistema produtivo.

Conforme apresentado ao longo da breve análise das obras de autores que influenciaram a Psicologia aplicada ao trabalho no Brasil, os argumentos desenvolvidos pelos mesmos para justificar o controle e dominação dos homens e a formação tomada como sinônimos de formação para o trabalho demonstram sua convergência com a ideologia da racionalidade tecnológica e seu princípio de desempenho. Esforçam-se em estabelecer a equivalência entre progresso industrial e progresso da humanidade; negar a violência contida na divisão do trabalho; manter uma vida que só tem sentido se estiver vinculada à incessante luta pela sobrevivência e, finalmente, perpetuar a noção do sacrifício de si e da vida como a contribuição de cada um em nome da falsa ideia de bem comum que estaria na concepção de progresso.

Promovem a apologia ao trabalho, ao controle e dominação dos homens; apresentam o emprego das técnicas que desenvolvem como solução simples e imediata aos problemas de controle do homem no trabalho e sustentam suas argumentações na mentira de que o trabalho e sacrifício são necessários à sobrevivência e bem-estar geral da comunidade. Dão ênfase à formação do indivíduo como equivalente à adaptação ao trabalho e partem do princípio de que os conhecimentos advindos da experiência prática devem ser substituídos pelos conhecimentos da ciência. No entanto, o que esta ciência tem a ensinar de forma tão insistente e constante são as lições de submissão à lógica da dominação e do sacrifício de si em nome dos interesses do sistema produtivo.

Insistem na desqualificação do indivíduo que nada sabe sobre si mesmo, sobre o trabalho que executa e sobre a realidade que o cerca. Estabelecem categorias que classificam os homens em superiores e inferiores, aptos ou inaptos, competentes ou medíocres a partir de seus desempenhos econômicos. Nos estudos desenvolvidos pelos três é de fundamental importância aprimorar as formas do controle do corpo e da mente que resultem em um melhor aproveitamento do homem no trabalho e na supressão de todos os outros elementos da realidade que pudessem interferir na execução da tarefa e nos rendimentos.

A maneira veemente como afirmam os interesses econômicos acima dos interesses dos indivíduos e da vida, demonstram uma forma de perceber o mundo e construir conhecimento sobre pessoas e coisas na qual não há espaço para a dúvida, para a reflexão e para a crítica. Nesse sentido, como afirmação do existente, seus conhecimentos científicos cumprem sua função ideológica e apresentam-se como tecnologia.

No entanto, ao insistirem na capacidade da ciência a serviço dos interesses do capital em promover a conciliação entre capital e trabalho e desenvolverem um conjunto de métodos, princípios e instrumentos que se voltam para a negação das oposições na relação entre estes, acabam por apontar, também de forma insistente, as contradições sociais presentes na atual forma de organização social, o que cria as possibilidades para pensar em outra forma de existência humana.

As análises apresentadas exemplificam algumas das contribuições da ciência desprovida de seu elemento crítico para a manutenção das relações sociais. Como a pseudoformação apresenta-se sob a forma predominante de formação atual e contém os elementos analisados neste texto, resta agora insistir nas investigações que ajudem a refletir em que medida a atuação profissional dos psicólogos da área de psicologia organizacional e do trabalho está relacionada à ideologia da racionalidade tecnológica, bem como as possibilidades de resistência estabelecidas pelos profissionais em relação a essa ideologia. Em relação às possibilidades de resistência insiste-se na importância de reflexões que possam elucidar as bases ideológicas que sustentam a própria formação vigente, a forma de perceber a realidade e os elementos que organizam e justificam o atual conjunto de relações sociais.

Resumo: Na atual sociedade, na qual a formação do indivíduo aparece preponderantemente regredida à formação para o trabalho, este artigo busca analisar a relação entre Psicologia e formação adaptativa aos desempenhos úteis ao sistema produtivo. Para isso, consideram-se os resultados da pesquisa empírica sobre atuação de psicólogos nas organizações e também os argumentos desenvolvidos por autores que influenciaram a Psicologia aplicada ao trabalho no Brasil para explicar o controle e a dominação dos indivíduos no trabalho e fora dele.

Palavras-chave: psicologia, formação, trabalho.

Abstract: In present society, where the individual's formation appears preponderantly regressed in relation to the formation for labor, this article aims at analyzing the relationship between Psychology and adaptive formation and the performances useful for the productive process. For this purpose, results were analyzed from empirical research on the action of psychologists in organizations as well as the arguments developed by authors who influenced Psychology Applied to Labor in Brazil, so as to explain the control and domination of individuals during labor and out of it.

Keywords: psychology, formation, labor.

Referências

- ADORNO, Theodor W. 1971. Teoria de la seudocultura. In: HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Sociológica*. Madrid: Taurus, pp. 233-267.
- _____. 1994a. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, Gabriel (org.). *Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Ática, pp. 62-75.
- _____. 1994b A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (org.). *Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Ática, pp. 92-99.
- _____. 1995a. Progresso. In: ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, pp. 37-61.
- _____. 1995b. Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, pp. 181-201.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: EDICON.
- CROCHÍK, José Leon. 1999. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista*. Tese de Livre – Docência, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- FAYOL, Henri. 1989. *Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação, controle*. Tradução: Irene de Bojano e Mário de Souza. 10ª ed. São
- HELOANI, José Roberto Montes. 2005. Psicologia do trabalho ou do capital? Eis a questão... *Psicologia Política*, v. 5, nº 10, pp. 297-312.
- HORKHEIMER, Max ADORNO, Theodor. W. 1985. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 1973. Ideologia. In: HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Temas básicos da Sociologia*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, pp. 184-205.
- MARCUSE, Herbert. 1999a. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Tradução: Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, pp. 71-104.
- _____. 1999b. Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução: Álvaro Cabral. 8ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- _____. 1967. *A ideologia da sociedade industrial*. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARTÍN – BARÓ, Ignacio. 1997. O papel do psicólogo. *Estudos de psicologia*, Rio Grande do Norte, vol. 2, nº 1. Texto disponível na Internet: <http://www.scielo.com.br>, em 18 de março de 2004.
- MOTTA, Júlia Maria Casulari. 2004. *Fragmentos da história e da memória da psicologia no mundo do trabalho no Brasil: relações entre industrialização e a psicologia*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.
- SASS, Odair. 2008a. Relação entre Psicologia e Estatística na constituição do campo educacional. In: SASS, Odair. *Teoria crítica, educação e psicologia*. Projeto de pesquisa disponível na Internet: <http://www.pucsp.br>, em 19 de novembro de 2008.
- _____. 2008b. Psicologia Social e educação escolar brasileira. In: SASS, Odair. *Teoria crítica, educação e psicologia*. Projeto de pesquisa disponível na Internet: <http://www.pucsp.br>, em 19 de novembro de 2008.

SASS, Odair. 2008c. Psicologia e estrutura do ensino secundário brasileiro. In: SASS, Odair. *Teoria crítica, educação e psicologia*. Projeto de pesquisa disponível na Internet: <http://www.pucsp.br>, em 19 de novembro de 2008.

_____. 2008d. Controle social na sociedade industrial: aproximações entre psicologia e estatística. *Revista InterMeio*, v. 14, nº 28, pp. 41-56.

SILVA, Mário Ângelo. 1992. *Trabalho no Brasil: fundamentos para uma interpretação histórica*. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TAYLOR, Frederick Winslow. 1970. *Princípios de administração científica*. Tradução: Arlindo Vieira Ramos. 7ª ed. São Paulo: Atlas.

WALTHER, Léon. 1953. *Psicologia do trabalho industrial*. Tradução: Lourenço Filho. 2ª edição aumentada. São Paulo: Melhoramentos.

Recebido em janeiro

Aprovado em maio